

1

SUMMER

— **T**ens aí um sacana raivoso, Eaton. — O belo cobói no dorso de um enorme touro resfolega e fecha a mão em torno da corda à sua frente. Os olhos escuros cintilam no ecrã, todas as linhas duras do rosto a espreitarem através da grade do capacete.

— Quanto mais corcoveiam, mais feliz fico. Mal ouço o que dizem, com o barulho da multidão na vasta arena e a música a retumbar, mas as legendas ao fundo do ecrã esclarecem o que de outro modo talvez pudesse escapar-me.

O jovem debruçado sobre o curral ri-se e abana a cabeça.

— Deve ser de tanto leite que bebes. Nada de ossos partidos para o mundialmente famoso Rhett Eaton.

O bem reconhecível cobói sorri por trás da proteção do rosto, um lampejo de dentes brancos e o piscar de um olho ambarino por baixo do capacete negro. Um sorriso encantador que conheço de passar horas a fitar uma lustrosa versão imóvel dele.

— Desampara-me a loja, Theo. Sabes que odeio leite.

Um sorriso provocador aflora os lábios de Theo.

— Mas ficas giro naqueles anúncios, com ele pintado por cima do lábio. Giro para um velhote.

O homem mais novo pisca o olho e ambos partilham uma risada amistosa enquanto Rhett passa metodicamente uma mão pela corda.

— Preferia ser derrubado de um touro todos os malditos dias a beber aquela merda.

Os seus risos são tudo o que consigo ouvir quando o meu pai para o vídeo no grande monitor de ecrã plano, o rubor a subir-lhe pelo pescoço e a alastrar-lhe para o rosto.

— Certo... — arrisco-me a dizer, tentando decifrar o porquê de aquela conversa exigir uma reunião improvisada com os dois mais recentes funcionários a tempo inteiro da Hamilton Elite.

— Não. Não está certo. Este tipo é o rosto do rodeio profissional de touros, e acaba de escarnecer dos seus maiores patrocinadores. Mas piora. Continuem a ver.

Prime de novo o botão de reprodução, com agressividade, como se este tivesse feito algo de errado, e o ecrã muda para uma cena diferente. Rhett caminha pelo exterior de uma arena, atravessa o parque de estacionamento com um saco de desporto pendurado ao ombro. O capacete foi substituído por um chapéu de cobói, e um homem magro de roupas escuras e largas caminha a passos largos para acompanhar o seu alvo enquanto o operador de câmara o segue, filmando.

Não creio que os *paparazzi* sigam atletas de rodeio, mas Rhett Eaton conquistou uma certa reputação ao longo dos anos. Não como modelo de pureza, de forma alguma, mas como símbolo dos turbulentos e robustos homens do campo.

O jornalista adianta-se o suficiente a fim de alinhar o microfone com a boca de Rhett.

— Rhett, pode comentar o vídeo que tem circulado este fim de semana? Há algum pedido de desculpa que gostaria de fazer?

Os lábios do cobói estreitam-se, e ele tenta esconder o rosto com a aba do chapéu. Flete-se um músculo no seu maxilar e o corpo tonificado retesa-se. Todos os membros se revestem de tensão.

— Sem comentários — cospe por entre os dentes cerrados.

— Vá lá, homem, dê-me alguma coisa. — O sujeito esguio estende o braço e encosta o microfone à face de Rhett. Impondo-lho apesar de ele se ter recusado a comentar. — Os seus fãs merecem uma explicação — reclama o jornalista.

— Não, não merecem — murmura Rhett, tentando criar espaço entre ambos.

Porque julgam estas pessoas que lhes é *devida* uma resposta quando emboscam alguém que está a tratar da própria vida?

— Então e um pedido de desculpas? — insiste o fulano.

E Rhett dá-lhe um murro na cara.

Acontece tudo tão depressa que tenho de pestanejar, na tentativa de seguir os agora trémulos e oscilantes ângulos da câmara.

Bem... merda.

No espaço de segundos, o insistente *paparazzo* está no chão, agarado ao rosto, e Rhett sacode a mão enquanto se afasta sem dizer uma palavra.

O ecrã regressa aos apresentadores do noticiário, sentados atrás de uma secretária, e, antes que estes possam dar qualquer opinião sobre o que acabámos de assistir, o meu pai desliga o televisor e solta um retumbante som de frustração.

— Odeio estes malditos cobóis. São impossíveis de manter na linha. Não quero lidar com ele. Por isso, felizmente para vós dois, este trabalho está em aberto. — Quase vibra de fúria, mas limito-me a recostar-me na cadeira. O meu pai perde facilmente as estribeiras, mas também supera as coisas depressa. Por esta altura da minha vida, sou já indiferente às suas alterações de humor. Não se dura muito tempo na Hamilton Elite se não se suportar Kip Hamilton.

Tenho uma vida inteira de aprendizagem sobre como ignorar os seus estados de espírito, pelo que sou imune. Comecei a entendê-los como parte do seu charme, por isso não os levo a peito. Não está zangado comigo. Está simplesmente... zangado.

— Matei-me a trabalhar durante anos para arranjar a este campónio patrocínios como ele nunca imaginou, e então, no momento em

que a sua carreira ameaça decair, ele vai e estraga tudo *assim*. — A mão do meu pai aponta para o ecrã montado na parede. — Fazes ideia de quanto dinheiro ganham estes tipos por serem suficientemente loucos para montar um touro furioso de novecentos quilos, Summer?

— Não. — Mas pressinto que está prestes a dizer-me. Sustenho o olhar negro do meu pai, da cor do meu. Geoff, o estagiário na cadeira ao meu lado, encolhe-se.

— Ganham milhões de dólares se forem tão bons como este imbecil.

Jamais adivinharia que fosse uma indústria tão poderosa, mas, por outro lado, não ensinam isso na faculdade de direito. Sei tudo sobre Rhett Eaton, ídolo e sensação dos rodeios de touros e paixão fulcral da minha adolescência, mas quase nada sobre a indústria propriamente dita ou o desporto. Um canto dos meus lábios arqueia-se ao pensar em como, há uma década, costumava deitar-me na cama a olhar para aquela fotografia dele.

Rhett empoleirado numa vedação, a olhar por cima do ombro para a câmara. Campo aberto nas costas, um cálido sol poente. Um sorriso atrevido nos lábios, olhos parcialmente ensombrados por um gasto chapéu de cobói, e a *pièce de résistance*... calças de ganga *Wrangler* a enlaçar as melhores partes.

Portanto, sim, sei pouco sobre rodeios de touros. Mas passei imenso tempo a olhar para aquela foto. Para a terra. A luz. Atraía-me. Não era só o homem. Fazia-me querer estar lá, a assistir àquele pôr do Sol.

— George, sabes quanto valia o patrocínio do leite que ele acaba de mandar cano abaixo? Não falando em todos os outros patrocinadores cujas botas vou ter de lamber para remediar esta merda?

Juro por Deus que quase resfolego. *George*. Conheço bem o meu pai para saber que está ciente de que é o nome errado, mas é também um teste de modo a ver se o Geoff tem coragem para dizer algo. Do que me foi dado a entender, nem sempre é fácil trabalhar com atletas e celebridades presunçosos. Já percebo que o tipo ao meu lado vai ter dificuldades.

— Hã... — Folheia a pasta à sua frente, e deixo o meu olhar demorar-se nas janelas do chão ao teto. As que oferecem uma vista panorâmica das pradarias de Alberta. Do trigésimo andar deste edifício, a vista de Calgary é inigualável. Os picos nevados das Montanhas Rochosas ao longe são como um quadro. Nunca cansam a vista.

— A resposta é dezenas de milhões, Greg.

Mordo o interior da face para me impedir de rir. Gosto do Geoff, e o meu pai está a ser sacana, mas, após anos a ser posta em situações constrangedoras da mesma maneira, é divertido ver outra pessoa debater-se como me debati no passado.

Sabe Deus que a minha irmã Winter nunca foi alvo deste tipo de pressão. Ela e o Kip têm uma relação diferente da que tenho com o nosso pai. Comigo, é brincalhão e reage de forma espontânea; com ela, mantém-se quase profissional. Em todo o caso, julgo que ela prefere assim.

O Geoff olha para mim com um sorriso insípido.

Já vi essa expressão muitas vezes no rosto das pessoas com quem trabalho. *Deve ser agradável ser a menina do chefe*, diz. *Como te tem esse nepotismo tratado?*, pergunta. Mas estou treinada para aguentar este tipo de flagelação. Tenho a pele mais grossa. Um importómetro menos afinado. Sei que, dentro de quinze minutos, Kip Hamilton estará a gracejar e a sorrir. A fachada perfeita que usa para passar graxa aos clientes voltará ao seu lugar.

O homem é um mestre, ainda que algo fuinha. Mas isso faz parte da natureza do engendrar dos contratos que celebra enquanto agente de talentos de topo.

Para ser sincera, não estou assim tão certa de que fui talhada para trabalhar aqui. Nem sei se é o que quero. Mas sempre me pareceu o mais correto a fazer. Devo isso ao meu pai.

— Portanto, miúdos, a questão é: como resolvemos isto? Tenho o patrocínio do leite *Dairy King* por um fio. Quer dizer, um maldito atleta profissional de rodeios acaba de arrasar toda a sua base. Agricultores? Produtores de laticínios? Parece não ter importância,

mas as pessoas vão comentar. Será escrutinado e decerto que os resultados irão abalar mais aquele idiota do que seria de imaginar. E os seus resultados são os *meus* resultados, porque este lunático rende-nos muito dinheiro a todos.

— Como vazou sequer a primeira gravação? — pergunto, obrigando o meu cérebro a regressar à tarefa em mãos.

— Um canal local deixou a câmara ligada — diz o meu pai, afagando com a mão o queixo barbeado. — Apanhou a maldita situação e depois legendou-a e passou-a no noticiário da noite.

— Bem, tem de pedir desculpa, então — sugere o Geoff.

O meu pai revira os olhos ante a solução genérica.

— Terá de fazer muito mais. Quer dizer, necessita de um plano à prova de bala para o que resta da época. Falta um par de meses até ao Campeonato Mundial em Vegas. Vamos precisar de puxar o lustro à auréola daquele chapéu de cobói. Ou outros patrocinadores cairão também como moscas.

Bato com a caneta nos lábios, a mente acelerada a pensar no que podemos fazer para salvar a situação. Praticamente não tenho experiência, por isso limito-me a fazer perguntas direcionadas.

— Precisa então de ser visto como o íntegro e encantador rapaz do campo da porta ao lado?

O meu pai solta uma gargalhada sonora, apoiando as mãos na mesa de reuniões à nossa frente ao inclinar-se. O Geoff retrai-se e reviro os olhos. *Medricas*.

— É aí que está o problema. Rhett Eaton não é o íntegro rapaz do campo da porta ao lado. É um cobói arrogante que gosta demasiado de festas e que tem hordas de mulheres a atirar-se a ele todos os fins de semana. Nunca foi um problema antes, mas agora vão agarrar-se a tudo o que puderem. Como malditos abutres.

Arqueio uma sobranceira e recosto-me na cadeira. Rhett é adulto, e certamente que, com uma explicação do que está em jogo, consegue conter-se. Afinal, é ele quem paga à empresa para gerir estas coisas em seu nome.

— Quer dizer então que não é capaz de se portar bem por um par de meses?

O meu pai baixa a cabeça com uma risada grave.

— Summer, a versão deste homem de bom comportamento não chega.

— Ages como se ele fosse uma espécie de animal selvagem, Kip. — Aprendi da maneira mais difícil a não o tratar por pai no trabalho. Continua a ser o meu chefe, ainda que partilhemos o carro no fim do dia. — Do que precisa ele? De uma ama?

A sala fica em silêncio durante vários segundos, enquanto o meu pai fita o tampo da mesa por entre as mãos. Finalmente, os seus dedos tamborilam sobre a superfície — algo que faz quando está absorto em pensamentos. Um hábito que adquiri dele ao longo dos anos. Os seus olhos quase negros erguem-se e um sorriso feroz apodera-se do seu rosto.

— Sim, Summer. É disso que ele precisa. E conheço a pessoa ideal para o trabalho.

A julgar pela forma como olha para mim neste momento, acho que posso muito bem ser *eu* a nova ama de Rhett Eaton.